

UNIMÃE

VIVÊNCIAS DE MÃES UNIVERSITÁRIAS

Organização:

Emilly Rayanne Soares da Silva

Josiane Nunes Barbosa

Orientação:

Gilvânia Patrícia do Nascimento Paixão

UNIMÃE
VIVÊNCIAS DE MÃES UNIVERSITÁRIAS

Organização:
Emilly Rayanne Soares da Silva
Josiane Nunes Barbosa

Orientação:
Gilvânia Patrícia do Nascimento Paixão

Juazeiro- Bahia

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

S676u

Soares da Silva , Emilly Rayanne Unimãe vivências de mães universitárias / Emilly Rayanne Soares da Silva , Josiane Nunes Barbosa . - Juazeiro, 2022.

52 fls : il. ____

Orientador(a): Prof. Dra Gilvania Patrícia Nascimento Paixão . Inclui Referências

TCC (Graduação - Pedagogia) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2022.

1.Maternidade . 2.Filhos. 3.Universidade . 4.Rede de apoio . 5.Curso

CDD: 779

DEDICATÓRIA

Dedicamos essa pesquisa aos nossos filhos, Maria Isis e Nicolas, que são nossos presentes de Deus. São eles que nos mostram todos os dias que vale a pena toda essa luta travada. São eles que nos acariciam com um sorriso sincero quando nos encontramos perdidas em meio ao turbilhão de sentimentos que nos acometem. Por eles e para eles é que continuamos nossa trajetória. Mesmo em meio às dificuldades que surgem nesse processo, se não fôssemos acariciadas com o dom da maternidade, jamais estaríamos aqui hoje. Vocês são a fonte de nossas forças! Esperamos que um dia tenham acesso a esse projeto e a uma realidade transformada, e saibam que nós, suas mães, Emilly e Josiane, construímos esse trabalho como reflexão de que a mudança do mundo começa em nós mesmos. E que a maternidade é transformadora, o amor é imensurável.

Emilly e Josiane, com amor.

**Trazer um ser humano ao
mundo exige tanta força. Você é
capaz de tudo depois de dar à
luz.**

Marianna Moreno

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
SENTIMENTOS AO DESCOBRIREM A GRAVIDEZ	7
A IMPORTÂNCIA DA REDE DE APOIO	11
DESAFIOS ENFRENTADOS NA JORNADA DA MÃE UNIVERSITÁRIA	14
DIREITOS SÃO GARANTIDOS?	18
ACOLHIMENTO	25
ESTRUTURA DA UNIVERSIDADE	32
UM OLHAR DA PESQUISA: VOZES QUE CLAMAM!	37
CICATRIZES DE AMOR!	41
A CHEGADA DE NICOLAS	42
A CHEGADA DE MARIA	45
NOTAS FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

APRESENTAÇÃO

O livro tem como objetivo relatar as vivências das mães universitárias do colegiado de Pedagogia. Tivemos o privilégio de escutar sobre as experiências dessas mães, com o intuito de conhecer os desafios enfrentados ao tentarem dar conta de toda essa jornada, incluindo a vida de mãe-estudante, dona de casa e trabalho fora. Abordaram-se também tópicos como o acolhimento da universidade em meio a esse contexto, a rede de apoio e a sua devida importância nas vivências delas. Foram entrevistadas cinco mulheres que engravidaram ou tiveram bebês durante a graduação. Essas mulheres demonstraram a necessidade de serem ouvidas, e foi exatamente o que buscamos com essa produção. Que você, caro(a) leitor(a), consiga escutar as vozes dessas mulheres nas entrelinhas de cada trecho das entrevistas.

SENTIMENTOS AO DESCOBRIREM A GRAVIDEZ



A mulher, ao se tornar mãe, passa por uma grande transformação em sua vida, psicológica e fisicamente, pois a gravidez a transforma, a partir do momento de descoberta, ao começar a sentir os primeiros sintomas, até após o nascimento do bebê. E, com isso, surgem diversos questionamentos e sentimentos.

Nessa categoria, as mulheres relataram acerca de seus sentimentos com a descoberta da gravidez. Destacaram-se preocupação, medo, desespero, frustração, independentemente de ter sido uma gravidez planejada ou não. As falas a seguir mostram suas vivências:

“E quando me vi grávida, teve o choque do novo e muita preocupação” (MARGARIDA).

“DESESPERADA, demorei um pouco pra aceitar, porque não era algo que eu queria no momento, e também não tinha feito nem metade do que gostaria que fosse a graduação. Chorei horrores e fiquei bem triste no início” (ROSA).

*“Eu tive medo de não dar conta”
(CALÊNDULA).*

“Eu faltei enlouquecer. No início, eu já pensava em desistir porque eu não sabia como eu ia conciliar isso, e é bastante difícil” (IRIS).

“Foi um ‘mix’ de sentimentos, até porque foi planejado, só que, mesmo tendo planejado, eu ainda tive um período de não aceitação; nem eu compreendi o porquê, mas FIQUEI COM O SENTIMENTO DE QUE NÃO TINHA PREPARADO O LUGAR PRA ELA CHEGAR, QUE NÃO TINHA ME FORMADO AINDA. Isso me trouxe frustração inicialmente” (GIRASSOL).

Percebe-se que, antes mesmo de estarem de fato com um bebê “real”, “nos braços”, as participantes já relatavam viver uma ansiedade com o que estava por vir, entendendo que estariam diante de um desafio. Essa percepção precoce impacta na maneira de se viver esse período, e, ao invés de uma gestante mais tranquila, temos, em regra, mulheres que passam o período

gravídico preocupadas com o futuro cenário, neste caso, em como conciliar o ser mãe e ser universitária. O medo do novo, de encarar essa nova realidade, assusta e não permite que se aproveite plenamente esse momento de gerar um bebê.

A IMPORTÂNCIA DA REDE DE APOIO



A rede de apoio é uma peça fundamental para a mulher que se torna mãe, tanto no puerpério como depois dele, pois é com essa rede de apoio que ela conseguirá voltar a sua rotina após a maternidade, de pensar um pouco em si, de voltar à rotina de estudos ou de trabalho. Ao ter uma rede de apoio, seja ela familiar ou paga, a maternidade se torna um pouco mais leve, pois, assim, a recém-mãe poderá dar continuidade a sua vida. E desse modo nos foi relatado nas falas a seguir:

“O marido e a tia. É de extrema importância, pois sem eles eu não conseguiria. A minha rede de apoio se priva a eles”
(MARGARIDA).

“De extrema importância, tenho minha sogra e o pai da minha filha, sem eles não conseguiria continuar”
(ROSA).

“Por trás de toda universidade, você precisa ter uma rede de apoio, porque sozinha não consegue”
(ROSA).

“Olha, foi essencial pra que eu pudesse continuar, porque sem eles eu não teria conseguido”
(CALÊNDULA).

“Tenho, minha rede de apoio é minha mãe e minha sogra, que me ajudam muito pra ficar com minha filha. Se não fossem elas, eu tinha desistido” (IRIS).

“NÃO TENHO REDE DE APOIO. ISSO ME FAZ CHORAR MUITO PELA EXAUSTÃO QUE EU VIVO. Eu estou ali por corpo, mas só Deus e eu sabemos a exaustão que eu estou” (GIRASSOL).

Podemos perceber a importância da rede de apoio para essas mães. Elas descrevem o quão é essencial para elas poderem continuar na universidade, e que, se essa rede não existisse, algumas teriam desistido. A maternidade é bela mas cansativa, e quando não se tem a rede de apoio, torna-se exaustiva. Isso nos traz uma reflexão: quando virmos uma mãe com o seu bebê, acolhamos, porque ela pode estar precisando de um apoio, e talvez não queira falar. Precisamos ter empatia com o que outro sente/passa; não sabemos quais são os seus desafios diários.

DESAFIOS ENFRENTADOS NA JORNADA DA MÃE UNIVERSITÁRIA



Os desafios enfrentados por essas mães para conciliar a maternidade e os seus estudos acadêmicos são muitos. Vários são os relatos de ter que dar conta de tudo, cuidar de uma criança, os afazeres domésticos e as atividades acadêmicas; ter que fazer escolhas que reduzem um pouco do seu tempo com seu(a) filho(a). Todas essas não são situações fáceis para uma mãe que está nesse processo.

“Tento conciliar minha rotina atípica, aos finais de semana, lendo textos da faculdade, no horário que o filho dorme, pois ele requer atenção. Chego atrasada nas aulas, tenho menos concentração, SENSACÃO DE QUE ESTOU FAZENDO TUDO PELA METADE. SINTO QUE ELE SENTE MUITO A MINHA FALTA, e na vida tudo é escolhas. Esse é um dos desafios”
(MARGARIDA)

“Tento dar conta de tudo. Pois trabalho durante a manhã e pela tarde tenho aula na faculdade, e a noite, tento me dividir entre ficar com minha filha, dar atenção a ela e fazer as

atividades da faculdade”
(ROSA).

“Chegar em casa e ter que dar conta de tudo que tenho que fazer, dos meus afazeres domésticos, ter que dar atenção ao meu filho, ter que cuidar dele, brincar. Então, em relação à universidade, o que a gente tem de proposta pra conciliar isso são as madrugadas. SER MÃE UNIVERSITÁRIA É VOCÊ ABRIR MÃO DO SEU SONO PRA DAR CONTINUIDADE A SEU SONHO” **(CALÊNDULA).**

“O principal desafio é por não ter tempo, não dormir bem, e esse é um impacto muito grande, porque a pessoa já está cansada e ainda tem que labutar com a criança, estar dando assistência e ter que ter tempo para estudar os textos da faculdade. É BEM DIFÍCIL. Fazer almoço, cuidar de casa, conciliar com a faculdade é bem difícil. A gente vai tentando ir por um caminho pra ver se dar certo, e muitas vezes a faculdade não entende”
(IRIS).

A carga que a mulher carrega com ela é bem exposta nas falas das mães: “TER QUE DAR CONTA DE TUDO”. E, na verdade, ao ter um filho, a mulher (re)descobre a sua força e supera seus limites na busca de conciliar a maternidade com os seus estudos. Isso mostra o quanto a mulher é forte e que, apesar de toda a rotina da maternidade exaustiva, da rotina de dona de casa, não se deixa abalar e vai atrás dos seus sonhos. Não é fácil, mas a mulher pode se superar a cada obstáculo que aparece.

DIREITOS SÃO GARANTIDOS?



Referente ao período de realizações de atividades domiciliares, temos uma lei no Brasil, chamada de Licença Maternidade, que garante que a mulher possa se ausentar de suas atividades presenciais e realizar atividades domiciliares. A Lei que assegura os direitos da estudante grávida é a de nº 6.202, sancionada em 17 de abril de 1975, que “atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares, instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências” (BRASIL, 2016).

“Não tranquei o curso, queria continuar com as atividades, mas não consegui dar conta, e perdi o semestre por faltas e assim repetindo o período”
(MARGARIDA).

“Engravidei no período da pandemia, então as atividades estavam sendo remotas. Não senti o apoio da Universidade, mas sim dos colegas da classe que me ajudaram com trabalhos e atividades” **(ROSA).**

“Olha, segundo o protocolo da universidade, a gestante tem direito a licença maternidade, quando entra no oitavo mês de gestação. Aí quando eu entrei no oitavo mês de gestação, eu fiz o requerimento via protocolo no colegiado e consegui. A única coisa que foi agravante, eu me senti insegura, porque
SEGUNDO O PROTOCOLO, A LICENÇA É DADA NO OITAVO MÊS DE GESTAÇÃO, MAS QUANDO VOCÊ TEM O BEBÊ, SÓ PODE FICAR EM CASA ATÉ O PRIMEIRO MÊS. Quando ele faz um mês, automaticamente sua licença é cortada, tem que voltar” (CALÊNDULA).

“É MUITO LINDO NA CONSTITUIÇÃO, NO PAPEL. A Universidade fala muito em questão de acolhimento, da mulher empoderada, mas o suporte do materno na universidade não acontece, pois tem que contextualizar com a nossa realidade sendo mãe. A Universidade fala da mulher, desse acolhimento que a mulher trabalha, mas acho que existe a neutralização. A universidade,

por não ter esse suporte, neutraliza a nossa vontade de continuar, não é que a gente não quer, mas existe um barramento” (CALÊNDULA).

“EU MANDEI A SOLICITAÇÃO DE LICENÇA, MAS NINGUÉM ME RESPONDEU, ATÉ HOJE. FUI ASSISTINDO AS AULAS E FAZENDO AS ATIVIDADES, AINDA DE RESGUARDO DELA, praticamente um mês que tinha tido ela, faltava para terminar o semestre, foi mais difícil ainda porque eu só tinha um mês pra o final do semestre e eu tinha que dar conta, a faculdade nem aí. Eu não ia perder o semestre que eu já tinha estudado e até hoje nunca me responderam. NÃO TIVE APOIO ALGUM” (IRIS).

“TIVE QUE DESISTIR DE UMA DISCIPLINA NA ÉPOCA, porque eu não estava conseguindo conciliar, porque era no horário que ela chorava muito, à noite. Porque quando eu tive a bebê, a universidade estava parada, porque era época de pandemia. E aí, quando ela nasceu, o curso estava na modalidade remota e

disponibilizaram duas disciplinas, que era uma à tarde e uma à noite. Então desisti da noite porque ela chorava muito. Eu não conseguia me concentrar na aula e QUANDO EU DIZIA QUE NÃO ESTAVA TENDO CONDIÇÃO NA HORA, PERGUNTAVA SE PODERIA RETORNAR DEPOIS, OU SE A PROFESSORA PODERIA PASSAR O TRABALHO, AS ATIVIDADES PRA EU IR FAZENDO. MAS EU NÃO TIVE ESSA DISPONIBILIDADE. PELO CONTRÁRIO, EU FUI CONVIDADA A DESISTIR DA DISCIPLINA, TIVE QUE DESISTIR” (GIRASSOL).

“Uns professores tiveram consciência que, quando eu estava no hospital, não podia assistir às aulas e nem fazer atividades, mas depois disso, quando eu estava em casa, fiz tudo “normal”. EU NÃO TIVE A LICENÇA, ACHO QUE NA CABEÇA DELES, ELES CONSIDERAVAM QUE JÁ ERA UMA ATIVIDADE REMOTA. No puerpério, sem dormir, estava para ficar louca” (IRIS).

A falta de apoio é imensa. Muitas mães não tiveram a licença concedida, voltando às suas atividades precocemente, ou tendo que desistir de disciplinas, atrasando na finalização do curso por erro da Universidade. Salienta-se que, mesmo de forma remota, a mulher não tinha obrigação de estar conectada no horário da aula, pois seu direito é de atividades domiciliares para fazer no melhor horário que ela considerar. Antes de tudo, existe uma lei e esta não está sendo cumprida, sendo a instituição passível de penalização legal. Para reforçar o que está posto, a Lei nº 6.202 de 1975 prevê que:

Art. 1: A partir do oitavo mês de gestação e durante três meses a estudante em estado de gravidez ficará assistida pelo regime de exercícios domiciliares [...]

Art. 2: Em casos excepcionais devidamente comprovados mediante atestado médico, poderá ser aumentado o período de repouso, antes e depois do parto” (BRASIL, 1975, p. 1).

Diante do que foi visto, é importante que os professores, bem como todos que compõem a Universidade, saibam quais são, de fato, os direitos dessas mulheres.

ACOLHIMENTO



O capítulo em questão traz relatos emocionantes de UNIMÃES que, por vezes, foram pressionadas a desistirem do curso e até mesmo “convidadas” a se retirarem da sala, ou oprimidas com olhares. Por outro lado, também houve alguns depoimentos de estudantes que foram de fato acolhidas por professores e colegas de classe. A essas pessoas, com o dom da empatia, chamamos de verdadeiros querubins. São pessoas de coração nobre que compreendem ou tentam se colocar no lugar de nós mulheres que estamos na universidade em busca de realização profissional e pessoal e que também não optamos por abdicar do maternar. Ao ser acolhida, essa mãe percebe que, apesar de não ter rede de apoio, ela não está sozinha, e se sente abrigada por pessoas com empatia, que não conhecem a sua história e por quais motivos ela quer dar continuidade na sua formação, ou tem que levar seu(a) filho(a) diariamente para a universidade, tornando a rotina cansativa, mas não tornando sua formação impossível.

*“UMA VEZ EU FUI
CONVIDADA A ME RETIRAR
DA SALA porque minha filha*

estava conversando, e é muito difícil você pedir pra uma criança de um ano e dez meses a ficar calada. A professora disse: “se você puder se retirar da sala, a neném tá conversando, tirando nosso foco”. EU FUI CHORANDO, porque eu não podia deixar de ouvir a explicação do trabalho e ela podia ter tido empatia e orientado que depois me orientaria sobre o trabalho, mas não existiu esse diálogo. Ao mesmo tempo, 30 alunos da sala saíram comigo e me abraçaram e ficaram com minha filha. EU FUI CONVIDADA A DESISTIR DA DISCIPLINA, TIVE QUE DESISTIR” (GIRASSOL).

“Quando eu preciso levá-la, antes que ela faça barulho ou alguma coisa assim, eu me retiro da sala com ela, para que não incomode as pessoas. E existe um histórico de expulsar a mãe que leva o filho pra sala de aula.” (ROSA).

“Lembro que uma professora do programa da universidade soltou uma “piada” para as meninas

que estavam no programa, falando frases desmotivantes pelos fatos de estarem grávidas. Que tínhamos que mergulhar de cabeça na Universidade, que tinham que saber o que queriam. Eu concordo, porém, é como se só pudesse escolher um: ou universitária ou mãe. [...] Tive uma aula online com ela e, bem na hora da minha fala, meu filho fez uma birra. **NO OUTRO DIA EU FIQUEI MORTA DE VERGONHA, PORQUE ELA ME USOU COMO EXEMPLO NEGATIVO, COMO SE O MEU FILHO ATRAPALHASSE A MINHA VIDA ACADÊMICA,** mas foi muito profunda, ela não considera as entrelinhas que o aluno passa, foi tão constrangedor. Ela me estigmatizou como se fosse uma aluna relapsa; foi horrível! **É PRECISO MUDAR A LINGUAGEM QUANDO SE TRATA DA MATERNIDADE, PORQUE OFENDE. É preciso levantar várias bandeiras e discussões com as mães e mulheres externa os sentimentos.” (MARGARIDA).**

“TAMBÉM SOFRI OPRESSÕES, COMO: “QUEM TEVE QUE MANTÉM E BALANCE”. A professora questionava como seria a minha vida depois que eu tivesse. Ela tirou da gente a capacidade de continuar, ao afirmar que um filho ‘acaba com nossa vida’. Mas não! UM FILHO NÃO ACABA COM NOSSA VIDA, UM FILHO TRANSFORMA A NOSSA VIDA. Ela, como mulher, não teve empatia conosco” (CALÊNDULA).

“Dependendo do dia e o professor que esteja em sala, eles não falam nada. Mas a criança conversa, balbucia, grita e chama atenção da turma; e os alunos perdem o foco da aula e muitos professores fazem cara feia. As vezes que precisei levar meu filho foi desconfortável, porque MESMO O PROFESSOR NÃO DIZENDO NADA, OS OLHARES E AS CARAS E BOCAS É UMA FORMA DE NOS INTIMAR. As atitudes são expressivas em dizer que estamos atrapalhando a aula, mesmo que não falem. Isso é

muito desconfortável”
(CALÊNDULA).

“Havia uma moça que ia todos os dias no sol quente com a bebezinha no colo. Eu via a angústia dela, ela morava distante, não tinha apoio, via que ela não conseguia se concentrar nas aulas, ela era preocupada em realizar as atividades, mas não conseguia realizar [...]”
(MARGARIDA).

“Ela (falando de outra aluna) foi barrada na sala de aula por um professor que não queria que ela ficasse na aula com a bebezinha. A menina não chorava, mas fazia “barulho”, que é o normal. A turma revezava, mas a bebê não queria ficar longe da mãe. Ela acabou trancando o curso por uma falta de rede de apoio, a menina não tinha idade de ficar na creche” **(CALÊNDULA).**

“Numa aula de literatura, eu estava terminando de ler o texto pra apresentar e a professora sentou no chão e começou a contar a história por minha filha; essa cena jamais vou esquecer.

São situações que, ao mesmo tempo em que você sofre por você ser convidada a sair da sala porque sua filha está atrapalhando, em outra, a pessoa mostra que lhe entende. Uma mãe consegue entender outra mãe! Eu não estava levando minha filha por levá-la; a faculdade estava longe de ser um lugar de passeio pra minha filha. Esse ponto eu não tenho como falar sem chorar, desculpa (choro)” (GIRASSOL).

Nos depoimentos relatados por essas estudantes-mães, podemos perceber o quanto o acolhimento e a empatia dos professores são importantes para a mãe que leva a sua criança para a sala de aula, a mãe que enfrenta este desafio, pela força de vontade e por não querer desistir. Pelo fato de sermos estudantes de uma universidade, não podemos engravidar? Temos que fazer a escolha entre ser estudante ou ser mãe? Por que não podemos seguir os dois juntos?

ESTRUTURA DA UNIVERSIDADE



Conforme as falas das mulheres, pudemos perceber que sentem falta de um espaço adequado para trocar seus filhos. Um fraldário é o mínimo que deveríamos encontrar em qualquer ambiente. A instituição possui uma (muito citada) brinquedoteca, a qual é um espaço que conta com brinquedos educativos, e que seria para as crianças visitarem e usufruírem enquanto as mães estudam. Uma ideia importante, mas sequer conta com monitoras que acolham todas as idades. As mães relatam que, quando foram tentar deixar os filhos no espaço, foram informadas que precisariam ficar com eles, pois não tinha quem cuidasse. Como isso se daria, se elas estavam na universidade para estudar?

Além disso, a Universidade também não prevê um local para amamentar e/ou ordenhar as mamas. Sabe-se que a orientação da Organização Mundial de Saúde é de que a amamentação seja exclusiva por seis meses, e continue de forma complementar até os dois anos. Mas como será possível, se durante a jornada de trabalho ou estudo, a mulher não puder ter um local para extrair seu leite ou simplesmente amamentar seu bebe?

Há um projeto de Lei em tramitação desde 2018 (PL 199) que prevê que todo prédio público ou instituições privadas nas quais estudem ou trabalhem mais de vinte mulheres ou trabalhem mais de cinquenta funcionários deverá disponibilizar, em suas dependências, salas de apoio à amamentação, de modo a permitir às mães lactantes condições adequadas, inclusive para extração e armazenamento de seu leite. Temos vários municípios no Brasil onde essa lei já vigora por meio de pareceres jurídicos. Enquanto Universidade pública e inclusiva está mais que na hora de incluir, de fato, todas as demandas que surgem, a exemplo do acolhimento para com as recém-mães.

*“Em relação à estrutura na Universidade, tem uma Brinquedoteca, que é mesmo que nada, porque não podemos deixar lá, tem que ter um responsável para ficar lá com a criança, então não faz muita diferença. **TAMBÉM NÃO EXISTE UM APOIO DA UNIVERSIDADE NO SENTIDO DE OFERECER UM***

ESPAÇO PARA QUE AS MÃES TROQUEM SEUS FILHOS QUANDO PRECISAM LEVAR” (ROSA).

“A gente tem a brinquedoteca, mas não tem o profissional adequado para cuidar, tem muitas mães que tem bebês e não tem um lugar específico para que as mães possam estar na sala de aula sem se preocupar” (CALÊNDULA).

“É mais uma sugestão mesmo, a gente sabe que tem a brinquedoteca, voltada às crianças, mas essa sala praticamente não funciona, nunca teve função pra mim, porque eu chegava lá e não tinha alguém pra ficar com ela enquanto eu estudava; ‘TERIA QUE TRAZER ALGUÉM PRA FICAR COM ELA NA SALA’, MAS COMO ASSIM? SE EU TIVESSE ALGUÉM PRA FICAR COM ELA, SERIA EM CASA, mas não tinha ninguém que ficasse com ela. Então, assim, tem a sala, mas não tem um profissional pra olhar. Se a sala tem a função de ajudar as mães

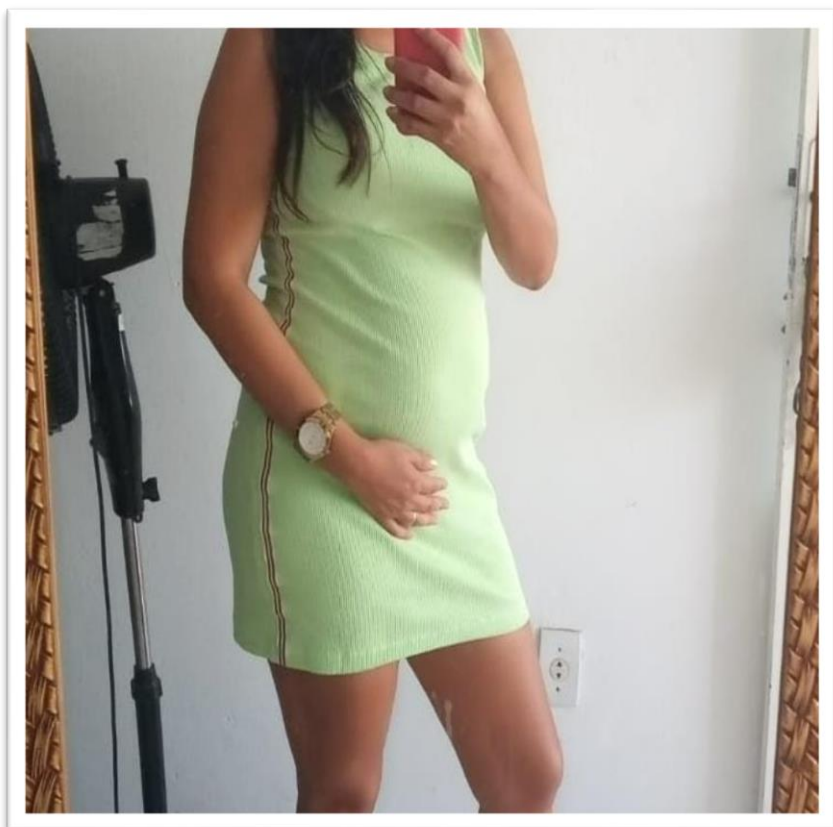
enquanto assistem à aula, não está tendo essa função”
(GIRASSOL).

“A faculdade possui uma brinquedoteca, mas é longe da sala, não tem uma monitora e é escura, não acho seguro”
(MARGARIDA).

A universidade precisa ter um olhar de cuidado para com essas mães e seus filhos. Elas levam os filhos por necessidade, já que as creches do município nem sempre englobam o horário em que estudam as universitárias. A educação, como um bem democrático, não pode ser restrita por lacunas que impossibilitem que essas mulheres concluam a graduação.

Observação: Embora a brinquedoteca tenha sido citada como espaço de acolhimento para estas crianças, o regimento da Brinquedoteca Manoel de Barros, expõe no seu regimento que a sua utilização está prevista somente para crianças a partir de 4 anos de idade.

**UM OLHAR ALÉM DA PESQUISA:
VOZES QUE CLAMAM!**



Nesse tópico, elencamos trechos das falas retiradas da roda de conversa que realizamos com essas mulheres. São desabafos que não podíamos deixar irrelevantes. Sensações que já relatamos antes, mas que, ainda assim, são importantes. As vozes dessas mulheres importam e devemos escutá-las. Não são máquinas, mas seres humanos que precisam de acolhimento, rede de apoio e amparo legal efetivado para garantir seus direitos:

“O PESO DE ESTAR NA UNIVERSIDADE E NÃO VIVENCIAR FASES NA VIDA DELA. Essa corrida contra o tempo, de ser mãe, universitária e dona de casa, foi muito dolorosa, porque muitas vezes eu tive que abrir mão de uma coisa por outra” (CALÊNDULA).

“É uma realização, mas eu ME SINTO CULPADA, eu não sei vocês, mas eu sinto que eu não me dediquei cem por cento” (MARGARIDA).

“Eu não sei vocês, mas eu FICO MUITO LIMITADA PARA TER OUTRO FILHO, se existe emprego que não aceitam, NÃO CONTRATAM FUNCIONÁRIAS MULHERES QUE TENHAM FILHOS, sendo que a gente precisa, isso é muito angustiante” (MARGARIDA).

“Gostaria de deixar claro que ACHO MUITO PERTINENTE ESSE TRABALHO DE VOCÊS E EU ESPERO QUE LEVEM ISSO PRA DENTRO DA UNIVERSIDADE; que mude esse cenário, pois é muito constrangedor pra gente. Que faça diferença na universidade, os faça abrirem os olhos para enxergar as mães com outros olhos e dê esse apoio que a gente e as outras universitárias que irão entrar” (ROSA).

“Eu não me sinto realizada. Eu poderia ter dado mais de mim. Consegui chegar onde eu estou, mas será que eu perdi muita coisa, será que eu poderia ter escrito mais, lido mais, ter mais aproveitamento, será que valeu a

pena essa caminhada?”
(CALÊNDULA).

“Vontade de desistir? É direto, mas aí quando você lembra que é UM FILHO, AO MESMO TEMPO EM QUE PARALISA, ELE TE IMPULSIONA A QUERER OUTRAS COISAS. Então hoje quando penso em desistir, eu penso: minha filha precisa da minha formação!”
(GIRASSOL).

“SINTO-ME DESTRUÍDA, ACABADA, DOIDA. Muito cansativa, a maternidade é muito exaustiva, principalmente para gente que é mãe de primeira viagem, que não tem um apoio nos afazeres de casa, fazer comida e ter que dar conta de tudo, ainda da faculdade, principalmente agora por conta de estar no fim da faculdade, com TCC (Trabalho de conclusão de curso) pra dar conta e estágio; é muita coisa”
(ROSA).

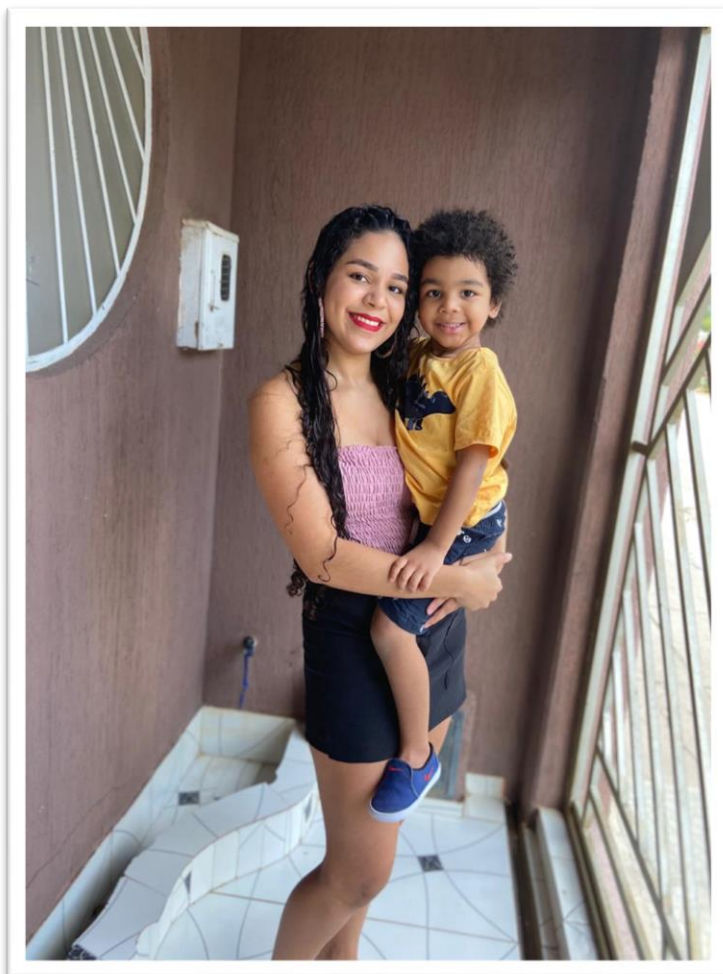
CICATRIZES DE AMOR!

Trazendo um pouco de reflexão sobre o nosso livro, não queremos de modo algum romantizar a maternidade, porque, por trás de um bebê limpo e saudável, tem uma mãe que está tentando dar conta de toda uma demanda. O que nós mães precisamos é de acolhimento, abraço, empatia, para que a carga se torne mais leve. A culpa, o peso, a responsabilidade são imensos e intensos, mas, ao mesmo tempo em que falamos dessa exaustão, falamos o quanto o filho nos impulsiona para podermos realizar os nossos sonhos e objetivos. O filho nos dá garra, é tudo por eles e para eles. O amor por um filho é infinito, vai além de todo cansaço. É um ato que muda a vida da mulher. Maternar é cuidar, amar e proteger. E, se estamos e continuamos em formação, é com a intenção de que possamos dar o melhor para eles. Então, seja uma mão, um apoio, um acolhimento que essa mãe precisa.

A seguir, os relatos das autoras desse produto pedagógico. Ambas se tornaram mães enquanto

estudavam, e percorreram – cada uma à sua maneira – etapas do maternal, dentro da Universidade.

A CHEGADA DE NICOLAS !



O ano era janeiro de 2016, descubro que estou grávida! Uma gravidez nada planejada, na adolescência, com os meus dezessete anos de idade. Foram muitos sentimentos e questionamentos, mas quando o vi na primeira ultrassom, o amor nasceu em mim e estava dentro de mim. Como eu era ainda muito nova, tive muitos medos e incertezas, mas também tive o mais importante, que era o apoio da minha família, o que eu precisava naquele momento. Foram muitos comentários e olhares maldosos, dizendo que tinha acabado com a minha vida, que não tinha aproveitado minha adolescência. Mas em nenhum momento me deixei levar pelo que as pessoas diziam.

Eu estudava no 2º ano do ensino médio e continuei os estudos, não pensei em desistir. Fui para a escola até o meu oitavo mês de gestação, tirei a licença de apenas um mês, por escolha minha, e voltei para a escola. No ano seguinte, tive que ir morar no interior por motivo de não ter quem ficasse com o meu filho para que eu continuasse estudando (o 3ºano), e no interior eu tinha a rede de apoio que eu necessitava. Logo após, prestei o vestibular da UNEB, e passei pela primeira chamada.

Como eu fiquei feliz! A menina que todos diziam que tinha acabado com a vida estava entrando para a Universidade. E aqui estou eu, me formando.

Nicolas transformou a minha vida e, com a chegada dele, tudo foi mudando, a responsabilidade aumentando, junto com o amadurecimento e a determinação. Não pensava em ter que parar a minha vida para viver integralmente cuidando dele, eu sabia o que eu queria e sabia também que não seria fácil e que iria continuar com os meus estudos. Nesse momento tinha a minha rede de apoio, que era o meu marido e a minha avó. Tive que colocá-lo muito cedo na creche, pois, no horário que estudava, ele ia para a creche. E assim eu fui levando, até o momento em que meu marido começou a trabalhar e a minha avó faleceu. Enxerguei-me sem chão, por não ter quem ficasse com ele quando eu precisasse. Quando não tinha aula na creche, tinha que levá-lo para a faculdade, por ainda amamentar e ele ser muito apegado a mim e não ter alguém para ficar com ele.

Eram dias intensos e cansativos quando ele tinha que ir comigo, pois não conseguia prestar atenção nas

aulas com medo de ele fazer barulho. Quando ele dormia, passava a aula inteira com ele no meu colo, sem quase poder me mexer. Quando ele fazia algum barulho, retirava-me da sala, preocupada se o professor iria reclamar. Além de tudo isso, tinha que pagar um carro para ir com ele e voltávamos pegando dois ônibus. Chegávamos em casa tarde. Eram sacrifícios que tinha que fazer para não ter que faltar à aula, pois sabia das quantidades máximas de faltas.

Não é fácil... não foi fácil... enfrentei diversos desafios. Posso dizer que foi cansativo, mas foi gratificante. Estar aqui hoje e dizer que consegui! Ser mãe não é fácil, mas meu filho e o meu amor por ele me impulsionaram para que eu nunca desistisse. Não romantize uma gravidez, nem a maternidade, porque, sim, é um caso de exaustão, mas também de um amor infinito.

EMILLY

A CHEGADA DE MARIA



Março de 2021...

Um mês que ficou marcado pela descoberta de uma gestação que não foi planejada. A meta era concluir o curso de pedagogia e conseguir um emprego melhor, conquista essa que fazia parte das minhas metas. Recém-contratada, não foi fácil assimilar e comunicar à empresa, já que era um fato totalmente desconfortável para mim. Não queria ser taxada da mulher que engravidou logo após ser contratada, muito menos de alguém que resolveu atrasar ainda mais a conclusão da graduação tão almejada.

Na época em que a notícia chegou, nem comentei com colegas ou professores, queria ser forte o suficiente para dar conta de tudo. As coisas se tornaram mais difíceis quando eu cochilava durante as aulas que eram remotas, consequência da pandemia. Passei a ter dificuldade para compreender os conteúdos, mas continuei me esforçando para não demonstrar que vivia um momento difícil. Quando finalmente tudo parecia ir bem, tive que fazer exames o dia inteiro no hospital e foi assim que comuniquei à professora que estava grávida (tive que justificar a ida ao médico). Ela tomou

conhecimento da situação e me deu apoio, compreendendo que eu teria que me ausentar em alguns dias de aula.

Logo que Maria nasceu tudo ficou mais difícil, no entanto, eu seguia querendo dar conta de tudo sem ajuda. Recusava a fragilidade; eu queria que todos me vissem bem. Não tirei licença do curso, pois não tinha informação se poderia tirar (por conta da modalidade remota em que o curso estava) sem me prejudicar e fiquei sobrecarregada. Não conseguia pedir ajuda por conta dos julgamentos que me recebavam, mas não tive escolha. Alguns colegas de classe me ajudaram muito nesse período, me incentivaram a continuar.

Quando Maria veio ao mundo, eu tive o período de licença de quatro meses do trabalho, durante os quais eu consegui lidar com as demandas, pois, durante dois desses quatro meses, a universidade estava em recesso; no entanto, quanto minha filha entrou no quarto mês, a situação mudou: ela não aceitou nenhuma fórmula infantil e até mesmo o leite materno ordenhado ou chupeta; ela não se alimentava adequadamente. Algumas vezes tive que sair do trabalho às pressas para alimentá-

la. Nesse período, o pai dela e minha irmã me ajudaram muito, mas não tinham muito o que fazer, já que ela não aceitava outros alimentos que não fossem o leite no peito. Maria começou a perder peso.

Naquele momento eu sentia uma culpa imensurável, eu me sentia um monstro em deixar minha filha tomando suco de laranja e dormindo seis horas trabalhadas e, durante tarde (horário da aula), dormindo até eu retornar do curso e mamar uma vez na noite. Cheguei a me lamentar por ter me tornado mãe, justamente por não me sentir uma boa mãe. Uma colega de turma com quem comentei tais acontecimentos me ofertou uma bomba de leite. Quando peguei o acessório, pensei que o problema tinha acabado, mas me enganei. A recusa por bicos continuou. E veio o diagnóstico “baixo peso, risco grave”. Meu mundo caiu e eu, mais uma vez, não enxergava o lado bom no maternar, não com a demanda que eu tinha.

Quando olhava para minha amada filha, eu via a consequência de querer ser protagonista de minha história. Eu não estava conseguindo conciliar. Mas, de repente, Deus viu meu sofrimento e Maria finalmente

aceitou a fórmula. Com quase oito meses, ela mamava timidamente a mamadeira. E eu comecei a me confortar, lembrando que a sustentei de maneira saudável com a amamentação exclusiva (fundamental) até os quatro meses, período em que tive que voltar a trabalhar e parei de julgar uma mãe que tentava introduzir a mamadeira antes dos seis meses de idade da criança.

E a partir disso, às vezes eu me pergunto: quantas mulheres querem pedir ajuda, mas se sentem inseguras por temerem julgamentos pela escolha de ser mãe em um momento tido como “não apropriado”? A resposta eu mesma descobri. Encarar o desafio de conseguir ser uma universitária, mãe e mulher em uma sociedade que tem, em suas raízes culturais e legais, a marca do machismo não é fácil. A mulher que tem que deixar seu filho com uma babá, com um parente, amigo... Mas, e quando falta a rede de apoio? Quando há necessidade de levar o bebê até a sala de aula? Com a volta das aulas presenciais, tive que, em alguns momentos, fazer isso. Lidar com choro do bebê no meio da aula, amamentar no chão do corredor, porque não tinha um espaço “adequado”, trocar fralda ali mesmo, no chão. Pergunto: isso é digno?

Precisamos que a lei trabalhe a favor das mulheres-mães que lutam diariamente para conseguir cuidar de seus filhos, para serem também capazes de realizar seus objetivos.

JOSIANE

NOTAS FINAIS

Decidimos nos juntar para fazer esse trabalho justamente porque sabíamos e tínhamos a necessidade de um olhar mais empático para com as mães universitárias. Nós imaginamos que iríamos encontrar depoimentos frustrados, mas não tínhamos noção do quanto essas mulheres são fortes em suas vivências, mesmo que sejamos como elas.

Encontramos fragilidades na instituição no que tange ao espaço físico e também com os recursos humanos. Esperamos que esse trabalho possa sensibilizar a todos que fazem a universidade, para que possam olhar essas mulheres de forma mais empática. Também almejamos que a estrutura física favoreça, porque não precisamos de muito. O que uma mãe precisa, além de empatia, é um local digno para trocar e amamentar seu filho. Não ter que fazer isso no chão.

Por fim, ansiamos inspirar mais mulheres a lutarem por seus objetivos, seja na área profissional, na

maternidade ou em ambos. Somos a prova de que é possível, pois para nós, mulheres, nada é inalcançável!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Congresso Nacional. **Plano Nacional da Educação**. 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/L10172.pdf>>. Acesso em: 20 out 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília: Senado Federal, 2011.

BRASIL. **Projeto de Lei n.º 10.311/2018**. Criação de salas de amamentação em prédios públicos e outras providências. (2018). Câmara dos Deputados PL 10311/2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1669709>. Acesso em 20 out 2022.

SANTOS, G. A; RIBEIRO, M.S.; OLIVEIRA, P. **Histórias que ninguém conta**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus III, Juazeiro/Bahia, 2018. 76 f.